

ESTÉTICA DO RECONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR POR MEIO DA SÉTIMA ARTE

Kátia Renata Quintero Juliano
katiqjuliano@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0617931182978853>

Natália de Borba Pugens
nataliaborbapugens@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/3446717378566647>

Elaine Conte
elaine.conte@unilasalle.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/8885390885955168>

RESUMO

O ensaio discute como as expressões estéticas presentes em filmes podem desenvolver a dimensão do reconhecimento para a formação humana e para a renovação das práticas pedagógicas. A estética do reconhecimento surge como elemento à racionalidade pedagógica, por ser um caminho sensível à crítica da cultura superficial da vida. O trabalho hermenêutico busca na teoria do reconhecimento, nas relações entre ética e estética e na estética do reconhecimento, a compreensão à seguinte inquietação: O debate de experiências fílmicas pode apoiar o desenvolvimento do pensar crítico e a estética do reconhecimento nos processos educativos? Além disso, propomos vincular o processo formativo em consonância com outros processos contemporâneos de reconhecimento estético, tecendo diálogos descentrados.

Palavras-chave: Arte; Educação; Reconhecimento Estético; Alteridade.

NOTAS ESTÉTICAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

A educação tem sido cada vez mais desafiada a ser atrativa, dinâmica, reflexiva, inovadora e criativa, por meio de novas metodologias, iminência de processos formadores nas escolas para atualizar conceitos e epistemologias, em meio a atenção diversificada no mundo digital, mas tende a reproduzir relações desumanizantes, em experiências que nem sempre compartilham a cultura e a arte como experiência provocativa que faz conhecer o diferente pela sensibilidade e o estranhamento em face da pluralidade. Pensando na necessidade de reconstrução desse quadro de práticas pedagogizadas da arte, consideramos a experiência sentida no contato com as obras cinematográficas, assim como o fato de que o ser humano é, historicamente, um ser artístico e inventivo, que “reflete sobre

sua sociedade, volta-se para ela, seja para criticá-la, seja para afirmá-la, seja para superá-la” (CHAUÍ, 2010, p. 413).

Essa experimentação da educação estética como criação, metáfora e expressão da realidade também é pesquisada por Loponte (2017), ao lançar a problemática de que as escolas ainda utilizam as práticas artísticas de forma mecânica, sendo exploradas apenas em datas comemorativas, sob o pretexto de cópias ou reproduções descontextualizadas e isso não possibilita uma imersão crítica de sentido artístico. Talvez seja justamente o *reconhecimento denegado* desse campo formativo com os filmes que poderá colocar em jogo as relações pedagógicas com a questão das diferenças, de múltiplas facetas de vida e de transformação dos julgamentos morais, impulsionando à reconstrução da dimensão estético-expressiva do cotidiano cultural e socioeducacional (HONNETH, 2003).

Sob essa influência, a educação passa por um processo de indefinição, instaurado pelo descompasso entre, de um lado, o reconhecimento e as implicações das novas tecnologias no espaço educativo e, de outro, a dificuldade em problematizar e reconduzir as tecnologias pesquisadas às quebras de ordenação dos processos educativos de ressignificação de conhecimentos, porque a educação fica desprovida de seu caráter contraditório (das dimensões do outro e das diferenças), servindo à mercantilização reprodutiva da cultura presente. (CONTE; DEVECHI, 2016, p. 1222).

Diferentemente de tomarmos os filmes em discussões sobre fotografia, roteiro ou outras qualidades de formalização do comportamento da atuação dos atores, o convite ao filme aqui envolve relações de conteúdo, acesso aos bens culturais e às diferentes culturas e percepções de linguagem - elementos capazes de provocar a estética do reconhecimento, a renovação das formas de pensar, agir e de ver o mundo, em outros contextos históricos e culturais estabelecidos. De acordo com Agamben (2005), é na linguagem que a experiência da busca conduz ao reconhecimento das diferenças. Para o autor, “se a experiência científica consiste em construir um caminho seguro (um *methodos*, uma via) que conduz ao conhecimento, a procura conduz, contrariamente, a reconhecer que a ausência de via (a *aporia*) é a única experiência oferecida ao homem” (AGAMBEN, 2005, p. 39). Aqui, a educação estética não se resume a uma contraposição à razão ideal, mas implica em novas formas de expressão, de afetação pelos sentidos, que estimula os sujeitos ao enfrentamento das lutas por reconhecimento, das experiências formativas e das sensibilidades contraditórias, sempre em relação aos outros e aos contextos sociais.

Acrescentamos que todo conhecimento não passa de uma *pretensão de saber* em busca de reconhecimento, por isso, a tarefa da educação é revivificar a tradição cultural no âmbito da interação comunicativa, reconhecendo o sujeito como autor da própria história e criador da humanidade ou das perversidades (HABERMAS, 1989). A nossa hipótese é de que a arte é um campo propício às diferentes formas de reconhecimento e estranhamento, inclusive da determinação das teorias pedagógicas no movimento ético de busca pelo reconhecimento do outro, como elo pedagógico fundamental à realização do si mesmo no outro. Para apresentar o estudo, traçamos inicialmente relações com as leituras operadas pelos pesquisadores desse campo que apontam para a compreensão da racionalidade humana. Dessa maneira, relacionamos as leituras com quatro filmes que trazem em suas histórias as inter-relações de arte, tecnologia, criatividade, diferenças e sensibilidades, cujas visões adversas refletem a cultura do diálogo com o universo histórico e social. Assim, buscamos explorar os filmes enquanto possibilidades e desafios para a estética do reconhecimento, incluindo a educação como forma de pensar, reconhecer e transformar a realidade social através de práticas estético-expressivas.

No presente artigo, problematizamos a utilização da sétima arte como forma de reconhecimento das diferenças educacionais, assim como para explorar as questões estéticas mais tocantes ao agir pedagógico, dando voz e oportunizando associações humanas e de participação através da comunicação. É preciso compreender as potencialidades que a arte proporciona ao desenvolvimento dos sujeitos, pois cria novas experiências formativas de valorização das diferenças e humanização do cotidiano, abrindo horizontes para questionar o papel da mulher na sociedade, a violência e o poder - dimensões necessárias para exercitar a capacidade de se colocar no lugar do outro (sujeito descentrado). Hermann (2005, p. 31) explica que:

A estruturação estética da educação pode ampliar de forma significativa a consciência ética, liberando novas formas de sensibilidade que temos deixado de lado. O horizonte do questionamento ético se desloca para o estético como um modo de enfrentar o caráter restritivo das justificações racionais e expor a fragilidade e os limites de uma ética que pretenda excluir a expressividade estética.

O artigo hermenêutico é resultado de leituras e debates transcorridos no segundo semestre de 2019, cujo eixo de discussão girou em torno dos diferentes conhecimentos da linguagem artística das tecnologias na educação, tendo em vista a sua influência na cultura global da contemporaneidade e na formação humana. As implicações culturais da arte para a educação são oferecidas por algumas experiências que os filmes provocam no cenário educacional, com diferentes reflexões e inquietações. Os quatro filmes que serão tratados nesse trabalho são: *Nunca deixe de lembrar* (2018)¹, *O Gênio e o Louco* (2019)², *Nise: o coração da loucura* (2016)³ e *O jogo da Imitação* (2014)⁴.

Abordar as problemáticas educativas no diálogo com os filmes coloca em movimento as práticas escolares sensíveis, pois implica em pensar as suas contradições e questionar os seus processos, uma vez que os filmes dão abertura à invenção, à renovação e ao trabalho com diferentes fontes, contextos, experiências e visões de mundo. (CONTE; HABOWSKI, 2019, p. 33).

Nas palavras de Hermann (2014, p. 21-22), “uma experiência pedagógica sensível à pluralidade não poderá dispensar um mundo comum, pois ele se constitui à nossa própria autocompreensão moral, convoca-nos a desenvolver imaginação teórica para responder às exigências do nosso tempo”. Dentre os filmes em análise, apenas *Nunca deixe de lembrar* não é baseado em um personagem real (embora o protagonista Kurt Barnert é inspirado na vida de Gerhard Richter), porém, traz em sua história Joseph Beuys (1921-1986), um artista

¹ Nunca Deixe de Lembrar. Original: Werk ohne Autor. Direção: Florian Henckel von Donnersmarck. 188 min. Alemanha/Itália, Pergamon Film Wiedemann & Berg Filmproduktion, 2018. Disponível em: <http://www.cafecomfilme.com.br/filmes/nunca-deixe-de-lembrar> Acesso em: 31 dez. 2019. Trabalho sem obra, obra sem autor.

² O Gênio e o Louco. Original: The Professor and the Madman. Direção: Farhad Safinia. 125 min. Irlanda, Imagem Filmes, 2019. Disponível em: <http://www.cafecomfilme.com.br/filmes/o-genio-e-o-louco> Acesso em: 31 dez. 2019. Razão e loucura caminham lado a lado.

³ Nise: o coração da loucura. Original: Nise: o coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. 106 min. Brasil, Imagem Filmes, 2016. Disponível em: https://youtu.be/Y9Scyu3rH_w Acesso em: 31 dez. 2019. A loucura e genialidade de uma mulher.

⁴ O Jogo da Imitação. Original: The Imitation Game. Direção: Morten Tyldum (Headhunters). 114 min. EUA, Diamond films, 2014. Disponível em: <http://youtu.be/GxokSkSqF5E> Acesso em: 31 dez. 2019. Inteligente e intrigante.

alemão que evocava questionamentos acerca dos comportamentos educativos, políticos, filosóficos, de artistas e críticos.

NUNCA DEIXE DE LEMBRAR: O SENTIDO DA ARTE À MEMÓRIA AFETIVA

“Não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte, e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte” (Johann Goethe).

A dimensão pedagógica da arte perpassa o tempo e o espaço, situando a importância do seu desenvolvimento desde os anos iniciais da escolarização, como um meio para a expressão e significação das diferenças na formação de sujeitos autônomos e pensantes, para criar quadros de referência em relação à natureza e aos mundos da vida como obra de arte. A arte serve para humanizar as relações humanas e pedagógicas, por isso não pode ser dicotomizada ou alienada dos conteúdos escolares, nem ser subjugada da sua importância na formação crítica e estética do sujeito, uma vez que,

A arte faz ver a visão, faz falar a linguagem, faz ouvir a audição, faz sentir as mãos e o corpo, faz emergir o natural da Natureza, o cultural da Cultura. Aqui a arte é revelação e manifestação da essência da realidade, amortecida e esquecida em nossa existência cotidiana, reduzida a conceitos nas ciências e na Filosofia, transformada em instrumento na técnica e na economia. (CHAUÍ, 2000, p. 415).

Partindo do pressuposto de que as formas de *reconhecimento recusado* surgem quando as pessoas são submetidas a negação do direito de liberdade, de existência social e ao cerceamento do pensar, que conduz a sub-humanidade do desrespeito, ofensa e sentimento de rebaixamento de reconhecimento nos três níveis - do amor, do direito e da estima social (HONNETH, 2003). Aqui, defendemos que “o pensar estético mantém viva a experiência do imigrante, que torna reconhecível o ato criativo (do aprender mimético) e o diálogo de reconciliação com o outro” (CONTE; DEVECHI, 2016, p. 1220).

NISE: O CORAÇÃO DA LOUCURA - UM RESGATE DA DIGNIDADE HUMANA

O filme *Nise: o coração da loucura* (2016) se passa em 1944, no Rio de Janeiro, em um hospital psiquiátrico no qual a doutora Nise da Silveira⁵ retoma suas atividades após sair da condição de presa política por manter livros subversivos. O imperativo da inclusão como condição à liberdade cooperativa surge com a criação artística, aparecendo em algumas cenas a passagem da experiência pessoal do sofrimento psíquico, invisibilidade, reificação e desprezo social dos sujeitos, para a afirmação coletiva do direito à vida, ao amor, aos vínculos afetivos, emocionais, ao reconhecimento das diferenças sob a forma de manifestações culturais e artísticas. Esses indícios conduzem às relações com a arte de educar enquanto condição de possibilidade à constituição social e autenticidade do sujeito, mas também para dialogar sobre as normas morais, validadas intersubjetivamente, que constituem nosso *ethos* de humanização e edificação de uma formação coletiva. Para Freire (1987, p. 108).

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais... Não é possível o diálogo entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue.

Assim, muitas descobertas podiam ser feitas com os trabalhos, fornecendo a ela uma fonte rica de dados às pesquisas do inconsciente humano.

Además, hay procesos de desprecio que interrumpen justamente el carácter comunicativo del sufrimiento. Recordemos que una de las hipótesis básicas de la teoría del reconocimiento era que el sufrimiento ajeno podía ser entendido de forma empática. Siguiendo este enfoque, el desprecio social se asocia con formas de

5 Este filme é baseado no livro *Nise, arqueóloga dos mares*, de Bernardo Carneiro Horta, publicado em 2008. A obra apresenta um painel da vida de Nise da Silveira desde a infância, em Alagoas, passando pelo Rio de Janeiro, em 1927. Foi a única mulher a concluir o curso de Medicina na turma de 158 estudantes. Foi acusada de se envolver com o comunismo e presa entre 1936 e 1937, durante o governo Vargas. Nesse período, é mencionada no livro autoral *Memórias do Cárcere* que conheceu Olga Bernário e o escritor alagoano Graciliano Ramos. Também, encontrou e se correspondia com o analista suíço Carl Gustav Jung. Enfim, ganhou notoriedade no Brasil com a inauguração, em 1952, do *Museu de Imagens do Inconsciente* e teve a consagração internacional com o seu trabalho de reabilitação humana com a arte que mudou os rumos da medicina.

invisibilización (Honneth, 2003) o cosificación del otro (o de uno mismo, o de la naturaleza) (Honneth, 2005), lo que entendemos que constituiría, en última instancia, una práctica de silenciamento de su lenguaje del sufrimiento. (HERNÁNDEZ; HERZOG, 2015, p. 149).

A afetividade também foi explorada na terapia da doutora Nise, com as confraternizações e aproximação com animais de estimação (terapia com cães) que compunham o ambiente natural e saudável no qual estavam inseridos (apesar de ser um hospital). Por intermédio do cuidado com os animais, a violência e agressividade foi diminuindo e melhorando as relações deles com os funcionários, com os familiares e entre si. Infelizmente, com a desaprovação do uso de animais para fins terapêuticos pelos seus colegas e superiores houve uma revolta dos clientes, desestabilizando até mesmo a doutora. Os diferentes abusos sofridos pelos pacientes, assim como o descaso com que eram tratados pelos médicos e funcionários do hospital, fez Nise reformular a ação educativa a que foi designada, para proporcionar mais dignidade, iniciando seu trabalho com a escuta sensível.

O desenrolar de uma educação como experiência formativa pressupõe o reconhecimento do sentido da expressividade da arte na pluralidade conceitual, na contradição das formas de vida e no reconhecimento da alteridade pedagógica. A educação torna-se vazia e sem sentido quando não são preservados o exercício da crítica estética e a capacidade de problematizar o mundo, para contrapor os limites da formação tecnológica acelerada, em favor de uma reeducação linguístico-expressiva. (CONTE; DEVECHI, 2016, p. 1228).

De acordo com as autoras, os campos de conhecimento da linguagem da arte contêm elementos que subsidiam processos pedagógicos de reconhecimento estético necessário à formação e à reelaboração dos artefatos tecnológicos. A arte pode contribuir para forçar o sujeito a lidar com as novas possibilidades geradas na experiência, para desinstalar conceitos acabados, deixando aparecer a imaginação, o estranhamento de linguagens em movimento, fontes do equilíbrio entre o racional e o sensível, cujos efeitos das rupturas e descontinuidades gera novos processos de cognição relacionados a transmodelagem de objetos, que envolve os sentidos humanos (CONTE; DEVECHI, 2016).

O JOGO DA IMITAÇÃO: RECONHECIMENTO DO OUTRO NA EXPERIÊNCIA DA ARTE

Na obra *O jogo da Imitação* (2014), assim como na obra cinematográfica de Nise, percebemos que a arte é sempre pioneira, em termos de imaginação criadora e humanização, porque revela-se visionária de seu tempo. Trata-se de um filme de Morten Tyldum, que retrata o período de 1939, vivido de forma intensa por um gênio da matemática, Alan Mathison Turing (1912-1954), considerado um ícone do século XX e precursor da computação moderna - no filme foi o responsável, junto com seu grupo de trabalho, pelo encurtamento da II Guerra Mundial, poupando milhares de vidas. O filme traz no seu enredo a busca coletiva para decifrar as comunicações de guerra e os planos de ataque (mensagens criptografadas entre os nazistas com suas localizações) inscritos em uma máquina enigma, cuja solução acabou revolucionando o mundo da tecnologia computacional.

Na tentativa de realizarmos uma análise crítica do filme, encontramos subsídios nos estudos de Axel Honneth (2003), quando defende que todo o ser humano vive em busca da aprovação, em suas pesquisas denominada de *luta por reconhecimento*. Para Honneth (2003), não há reconhecimento sem o outro, já que para o autor é através da manifestação do agir do outro sujeito que passamos a ser reconhecidos ou não, e esse movimento que redefine a politicidade humana desencadeia a luta por reconhecimento. “As tecnologias da comunicação não dispensam os sujeitos da força libertadora da reflexão e de um pensamento insatisfeito (de espanto), ligado ao diálogo com a práxis vital e a arte, como um impulso para a alteridade” (CONTE; DEVECHI, 2016, p. 1232).

O GÊNIO E O LOUCO: PRÁTICAS TRANSFORMADORAS POR MEIO DA ARTE

Baseado na obra de Simon Winchester, que foi lançada em 1998, *O gênio e o Louco* (2019) apresenta a história da criação do dicionário Oxford. O filme, dirigido por Farhad Safinia, é estrelado pelos aclamados atores Mel Gibson, que representa o papel do professor Murray (figura de uma erudição sensível, gênio, autodidata especializado em

várias línguas contemporâneas e antigas), e Sean Penn, que interpreta Minor (um homem em conflito consigo mesmo, louco), o criminoso insano que contribuiu com 10 mil verbetes para o dicionário redigidos no hospício. É uma história que aborda a emoção da busca, da inspiração com o apoio do outro e dos vínculos criados com a arte de escrever para dar conta desse grande projeto, desacreditado por muitos estudiosos na época.

De acordo com Hermann (2005), por muito tempo prevaleceu a dualidade entre a ética e a estética proveniente do pensamento filosófico grego, pois para Platão, “o mundo sensível não produz o verdadeiro conhecimento”, e somente mais tarde, com Kant e Schiller, veio a possibilidade de se pensar a estética como uma maneira de sensibilidade para a vida moral (HERMANN, 2005, p. 12). Para tanto, é necessário compreender que a dimensão artística vai além do uso de instrumentos e da reprodução de obras, mas precisa reconsiderar o potencial histórico, científico, tecnológico e representativo que pode ser explorado. “A arte hoje ressurgue como possibilidade de ação, manifestação, indignação e proposição diante das ações superficiais de uma cultura massificada e resistente à própria comunicação e à experiência estético-performativa” (CONTE; DEVECHI, 2016, p. 1232).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões criadas a partir dos filmes e dos horizontes para a criação de leituras estéticas, percebemos que tais experiências pedagógicas em espaços acadêmicos nos ajudam a compreender as dimensões do reconhecimento e provocam a experiência de colocar-se no lugar do outro, o que é extremamente necessário para o exercício da empatia e da cooperação solidária - dimensões relegadas num mundo satisfeito com a interpretação superficial e materialista da vida. Defendemos que tais produções causam estranhamentos e outros olhares à dimensão estética do reconhecimento na educação, agregando energias criativas ao trabalho humano, tendo em vista as diferentes formas de linguagem para o desenvolvimento das capacidades pedagógicas e sociais que circulam pela história.

Como destacado anteriormente, a apropriação da arte para desenvolver o senso estético e crítico explorado através dos filmes possibilita a movimentação de fatos aparentemente estáticos, pois seu valor ético, estético e moral não está separado de outras formações textuais ou culturais e provoca formas de reconhecimento dos sujeitos como atuantes socialmente. Tais questões são importantes para que possamos fazer uma relação com a possibilidade de trabalhar não só com as questões relativas ao momento histórico dos filmes em questão, mas também as situações enfrentadas pelos personagens/atores sociais frente a sociedade da época, tais como o *bullying*, preconceito de gênero, classe social e de formação acadêmica tradicional. O professor tem a possibilidade de agregar ao seu plano de aula o debate com a sétima arte e as inúmeras possibilidades contextuais, históricas e conceituais que ela desperta nos participantes, trabalhando não apenas a arte de forma superficial e descontextualizada, mas como uma fonte inesgotável da cultura humana, do seu imaginário social e suas intervenções na sociedade e na natureza.

A partir da dimensão estética que a sétima arte proporciona em relação à reflexão crítica da sociedade e as questões que permeiam a vida em sua complexidade, almejamos com este estudo e a curiosidade estética que nos move transpor o uso superficial da arte na educação. Mas o universo da sensibilidade, a contemplação do belo e a análise crítica que pode ser elaborada a partir da arte nos faz pensar e atribuir importância ao conhecimento estético-expressivo como uma fonte rica de saberes, que muito tem a colaborar na formação ética e no reconhecimento das relações interpessoais ao aprender vital. Por meio da arte, os sujeitos tornam-se capazes de criar caminhos possíveis para viver melhor em sociedade, tendo a arte como uma direção concreta ao reconhecimento estético de aberta às diferenças, à liberdade cooperativa e à autorrealização, no sentido de contribuir para a formação de uma sociedade livre na sua potencialidade de pensar. Todos os filmes aqui retratados buscaram construir uma base prática e teórica da vida humana em mundos que remetem a uma estética do reconhecimento, nas dinâmicas do pensar para

alcançar as inquietações e os valores produzidos pela arte na educação, constituída por práticas criativas compartilhadas, argumentos políticos, processos educativos e produtos culturais - mobilizando fontes diversas e pontos de vista inesperados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONTE, Elaine; DEVECHI, Catia Piccolo Viero. A experiência estética em tempos de virtualização tecnológica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n.162, p. 1216-1233, out./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143724>

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. Os filmes como pretextos sensíveis às problematizações didáticas. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 9, p. 33-46, 2019. Doi: <http://doi.org/10.4025/imagenseduc.v9i2.41498>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, Nadja. Educação e diversidade. **Roteiro**, Joaçaba, edição especial, p. 13-24, 2014.

HERNÁNDEZ, Francesc J.; HERZOG, Benno. **Estética del reconocimiento: fragmentos de una crítica social de las artes**. Universitat de València, 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

KÜRTEN, Jochen. **Documentário lança novo olhar sobre o artista Joseph Beuys**. Made for Minds, 2017. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/document%C3%A1rio-lan%C3%A7a-novo-olhar-sobre-o-artista-joseph-beuys/a-38906985>. Acesso em: 05 out. 2019.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 429-452, abr./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226922>

NETO, Waldemar Dalenogare. **Werk ohne Autor** (Nunca Deixe de Lembrar) – 2018. Críticas de filmes, 2019. Disponível em: <http://dalenogare.com/2019/02/werk-ohne-autor-nunca-deixe-de-lembrar-2018/> Acesso em: 05 out. 2019.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade La Salle – Unilasalle, Canoas – RS, Pós-Graduação em Supervisão Escolar e Orientação Educacional pela Unilasalle, Pós-Graduação em TIC na Educação pela FURG, Rio Grande – RS, em Mídias na Educação pela UFRGS. Atualmente é mestranda em educação da Universidade La Salle, Canoas – RS, membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/ CNPq e professora da Educação Básica.

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade La Salle – Unilasalle, Canoas – RS. Atualmente é mestranda em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, Canoas/RS. Bolsista da CAPES e membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq e professora da Educação Básica.

Possui graduação em Pedagogia e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE). Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq.